

A SUPERAÇÃO DA NATUREZA E O USO DA RAÇA: AS GRAVURAS DE JOHANNES STRADANUS (1523-1605)

VESPUCCI, Augusto.

Resumo:

Johannes Stradanus (1523-1605) foi um gravurista belga que viveu na Itália ao longo de grande parte do século XVI. Nesse estudo, analisamos, sob a ótica da Interculturalidade Crítica, algumas gravuras do autor que retratam, direta ou indiretamente, a Natureza e os Ameríndios. A concepção de Natureza no Ocidente em finais do século XVI e início do XVII se molda conjuntamente aos avanços tecno-científicos alcançados sob a égide da invenção de novos instrumentos capazes de dominar a Natureza. Essas invenções permitiram atingir um suposto pináculo da humanidade intrinsecamente ligado à concepção de Ocidente. Enquanto a concepção de Raça, trazida de eventualidades anteriores no ocidente para a América, justificou, na concepção ocidental, a dominação dos povos indígenas enquanto seres atrasados e de uma raça inferior. Para Johannes Stradanus, o triunfo da Modernidade perante os tempos passados se dá na medida em que as capacidades técnicas de controle da Natureza se tornam passíveis de utilização como somente Deus pudera antes, enquanto, por outro lado, o homem ocidental se diferencia dos outros humanos, se colocando numa parâmetro superior.

Palavras-chave: Johannes Stradanus; Modernidade; Gravuras; Interculturalidade Crítica.

Introdução

Johannes Stradanus produziu duas séries de gravuras de relativo sucesso, a *Nova Reperta*¹ (ca. 1585) e a *Americae Retectio*² (ca. 1588), ao final do século XVI, em Florença, na Itália. A partir dessas duas séries comissionadas pela Família Medici podemos discutir conceitos fundamentais para a Modernidade Ocidental: Natureza e Raça. Fundamentais porque compõem, em parte, um evento que integrou e talhou grande parte do que se conceitua como Modernidade, isto é, a Conquista da América. Para Conquistar a América, foi necessário inventá-la, mapeá-la e explorá-la, segundo os dizeres do estudioso da Colonialidade, Walter Mignolo (MIGNOLO, 2017, p. 4). A América não era um entidade existente no imaginário ocidental até a chegada dos europeus e, portanto, sua existência estaria submetida ao “Velho Mundo” na perspectiva dos ocidentais. Nesse íterim da conquista do território em si, se fez necessária a justificação que respaldaria também a dominação dos habitantes autóctones.

Nesse sentido, as obras de Johannes Stradanus, sendo elas comissionadas e integradas em um arcabouço renascentista florentino, dialogam com interesses da família Medici já nas décadas finais do século XVI, quando a Conquista da América já estava efetivada,

1 Novas invenções, do latim.

2 Descoberta da América, do latim.

na busca pela definição do que foi o domínio sobre o “Novo Mundo”. Contudo, por mais que a “novidade” do evento fosse algo ressaltado pelas obras de Stradanus, a formação do imaginário sobre a América estava assentada em experiências já vividas pelos europeus em séculos anteriores.

Por outro lado, quando falamos dos habitantes das terras conquistadas, o sistema de definição social pela diferença a partir daquilo que se determinou como “raça” não era inédito no imaginário ocidental, principalmente nos países ibéricos, enquanto a Natureza também não era pensada como novidade ao dominarem o continente Americano. Em verdade, a concepção de Natureza no Ocidente remonta, pelo menos, o Gênesis Bíblico.

Nesse estudo, delinaremos como as concepções de Natureza e Raça no Ocidente foram determinantes para a Conquista da América e como Johannes Stradanus está integrado nas produções que contribuíram para o pensamento de que os europeus eram seres dominadores por natureza. Essas duas concepções dialogam no sentido de elaborar um emaranhado de conceitos que seriam levados como bases da Modernidade no pensamento ocidental, atribuindo aos europeus a responsabilidade sobre o conhecimento e uso do mundo e de seus habitantes. A partir da ótica da Interculturalidade Crítica, discutiremos uma outra possibilidade de olhar para a América e seus habitantes, seguindo um sentido oposto do que buscaram as representações visuais das gravuras de Johannes Stradanus.

1. A concepção de “Raça” no Ocidente e a representação visual dos ameríndios nas gravuras de Johannes Stradanus

Muito se discute sobre o que significa “Raça” na História do Ocidente ou mesmo se existe tal categoria de diferenciação natural entre os seres humanos. Não nos importa, seguindo o que diz Nelson Manrique (1999, p. 19), se as raças existem ou não, pois acreditamos que não são as raças que criam o racismo, mas o oposto, que o racismo cria as raças. O racismo cumpre uma função decisiva nas sociedades desiguais, pois busca naturalizar diferenças entre os seres humanos que, na verdade, são sociais e dependem de muitos outros fatores que não se fundamentam na genética.

Nesse sentido, podemos falar de tentativas, bem sucedidas ou não, ao longo da História Ocidental, de diferenciação social a partir da natureza racial. Como aponta Yosef Yerushalmi (1982, p. 6), o conceito de raça no Ocidente é pensado como definido apenas no século XIX, quando se constituem as ideias do Darwinismo social que desembocam na perseguição aos judeus na Alemanha da primeira metade do século XX. Contudo, em 1604, numa biografia que trata do rei espanhol Carlos V, o frade espanhol Prudencio de Sandoval, diz:

Yet who can deny that in the descendants of the Jew there persists and endure the evil inclination of their ancient ingratitude and lack of understanding, just as in the Negroes [there persists] the inseparable quality of their blackness [negrura]? For if the latter should unite themselves a thousand times with white women, the children are born with the dark color of the father. Similarly, it is not enough for the Jew to be three parts aristocrat [hidalgo] or Old Christian, for one

family-line alone [sola una raza] defile and corrupts him...3
(SANDOVAL, Apud, YERUSHALMI, 1982, p. 16)

A acusação de Sandoval perante os judeus demonstra que pouco importa quanto tempo passe, um descendente de judeu será sempre “manchado” pelos seus ancestrais, o que demarca uma característica passada geneticamente, sem interferência de educação, costumes ou de religião. Pode-se argumentar que o caso dos judeus seja uma exceção específica, pois existem, ainda segundo Yerushalmi, três blocos considerados pela bibliografia ocidental que caracterizam a perseguição aos judeus: o Antigo-Pagão, o Medieval-Cristão e, por fim, o Moderno-Secular. Contudo, podemos retomar a Inquisição espanhola e na intensa busca pela “pureza de la sangre”, iniciada a partir de 1449 na Espanha, indícios que apontam para uma transformação da perseguição religiosa em uma perseguição categoricamente racial.

Segundo Nelson Manrique, o racismo era já uma concepção carregada pelos ibéricos mesmo antes de chegarem na América, quando transferiram também suas categorias raciais aos povos indígenas. Essa categorias mentais de diferenciação foram forjadas na luta contra os muçulmanos e judeus na Reconquista da Península Ibérica, quando se criaram as expressões “Cristãos Velhos” e “Cristãos Novos”, para apartar aqueles não-cristãos convertidos – forçada ou voluntariamente – daqueles que não aderiram à fé cristã (MANRIQUE, 1999, p. 20). Nesse ínterim, várias foram as tentativas de conversão forçada na Espanha e Portugal ao longo dos séculos XV e XVI, seja para forçar uma fuga de judeus ou muçulmanos, seja para estabelecer uma unidade religiosa nos recém-formados reinos ibéricos.

Mesmo na Espanha de 1391, massacres e perseguições marcaram a vida dos chamados “marranos”, judeus convertidos e seus descendentes. Estes não eram bem aceitos na sociedade cristã, sendo considerados como pessoas de pouca confiabilidade tanto por cristãos-velhos, como pelos próprios judeus. Como diz Cecil Roth:

The prejudice which had previously been ostensibly religious became ‘racial’ [...] It was not unnatural that, in the fifteenth century, when men thought in terms of religion, this attitude was justified by the plea that baptism had not affected the marranos spiritually. (ROTH, 1940, p. 243)4.

3 No português: “No entanto, quem pode negar que nos descendentes do Judeu persiste e suporta a inclinação para o mal de sua antiga ingratidão e incompreensão, assim como nos negros [persiste] a qualidade inseparável de sua negrura? Pois se estes se unirem mil vezes com mulheres brancas, os filhos nascerão com a cor escura do pai. Da mesma forma, não é suficiente para o judeu ser três partes aristocrata [fidalgo] ou cristão-velho, pois uma única linhagem familiar [só uma raça] o corrompe...”

4 No português: “O preconceito que antes era ostensivamente religioso tornou-se ‘racial’[...] Não era estranho que, no século XV, quando os homens pensavam em termos de religião, essa atitude fosse justificada pela alegação de que o batismo não havia afetado espiritualmente os marranos.”

Essas definições baseadas em transferências comportamentais entre descendentes, por mais que não houvesse uma diferença religiosa, foi trazida para a América e afetou também os povos tradicionais do continente. Nelson Manrique denomina esse traslado como “racismo colonial”, em busca do estabelecimento das hierarquias sociais também no continente americano (MANRIQUE, 1999, p. 19). Nesse sentido, o teórico peruano, Aníbal Quijano, diz que a o estabelecimento da diferença racial foi parte de um processo de justificação das relações de dominação estabelecidas entre europeus/cristãos e não-europeus/pagãos ou descendentes de pagãos:

Na América, a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova identidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da ideia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus (QUIJANO, 2005, p. 118)

As gravuras de Johannes Stradanus, publicadas em fins do século XVI, carregam representações visuais dos povos ameríndios que dialogam com as categorias raciais presentes nas mentes dos colonizadores. No caso dos povos indígenas, a justificativa do colonizador para a dominação não poderia se pautar numa impureza sanguínea, já que os nativos americanos não tiveram contatos com judeus ou muçulmanos. Isso não significa, contudo, que os ocidentais não tenham inquirido a origem genealógica dos indígenas na busca por uma diferenciação pretensamente natural.

Escritores como Bartolomeu de Las Casas, Francisco López de Gómara, Gonzalo Fernandez de Oviedo, Hugo Grotius, Pedro Sarmiento de Gamboa, etc. tentaram dizer de onde vieram os indígenas, quais suas origens, se eram realmente humanos, se já tinham tido contato com o cristianismo e, conseqüentemente, se tinham negado a doutrina católica ou não (KALIL, 2015, p.72). Para alguns desses autores, como é o caso de Gómara, a diferença física entre indígenas e europeus foi vista como uma das capacidades de Deus em fazer seres humanos com variadas formas e aparências, o que prova a infinidade criativa divina. Ainda assim, Gómara atribui qualidades naturais negativas aos nativos indígenas: “*en fin, digo que nunca criou Dios tan cocida gente en vicios y bestialidades, sin mezcla de bondad o policia*”, indicando que seus costumes não eram resultados de suas próprias decisões, mas da criação de Deus (GÓMARA, CCXVII, 2003).

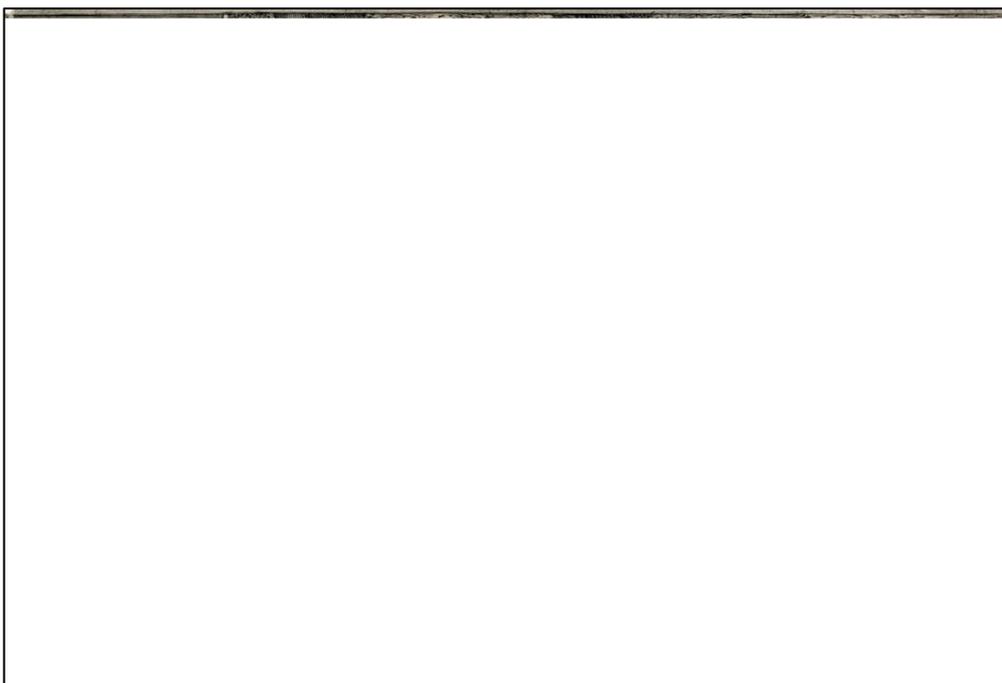
A representação da diferença ficava a cargo de suas características naturais, sendo elas marcadas principalmente pelos comportamentos, indicativos de sua etnia. Johannes Stradanus, em suas gravuras sobre a chegada dos europeus e conquista da América, retrata visualmente os indígenas imersos em suas características pretensamente naturais, dialogando com Gómara e outros autores da época supracitados.

Figura 1: **América. Nova Reperta** ca. 1585, Johannes Stradanus. Gravura em papel.

Fonte: British Museum.

Na gravura de número 1 da série *Nova Reperta*, a América é representada como uma invenção ocidental. A inscrição na imagem diz: “Américo acorda a América, desde então estará sempre desperta”, como se, antes da chegada dos europeus, o continente – aqui representado pela sua Natureza e por seus habitantes -, estivesse dormindo num sono eterno, paralisada no tempo, sem passado, nem presente ou futuro. O estabelecimento do dualismo na imagem se faz não somente pela oposição do homem frente à mulher indígena, mas pela vestimenta de Américo e a nudez da indígena, o crucifixo na mão do conquistador, enquanto a mulher está de mãos vazias, numa pretensa ausência de religião dos nativos (TATSCH, 2007, p. 3). Ainda nesse mesmo sentido, o navio de Américo, ancorado no litoral se opõe à rede na qual a indígena está deitada, demonstrando movimento, enquanto a rede, por outro lado, demonstra uma imagem estática, de ausência de locomoção ou, ainda pior, de espera pela chegada de algo que inovasse estas terras e habitantes. Ao fundo, uma cena de canibalismo é representada por indígenas que assam uma perna num espeto, enquanto Américo, além do crucifixo, carrega também um astrolábio, instrumento que representa o avanço tecnológico, como valorização da racionalidade e das capacidades humanas frente à Natureza (BOWRY, 2015, p. 108).

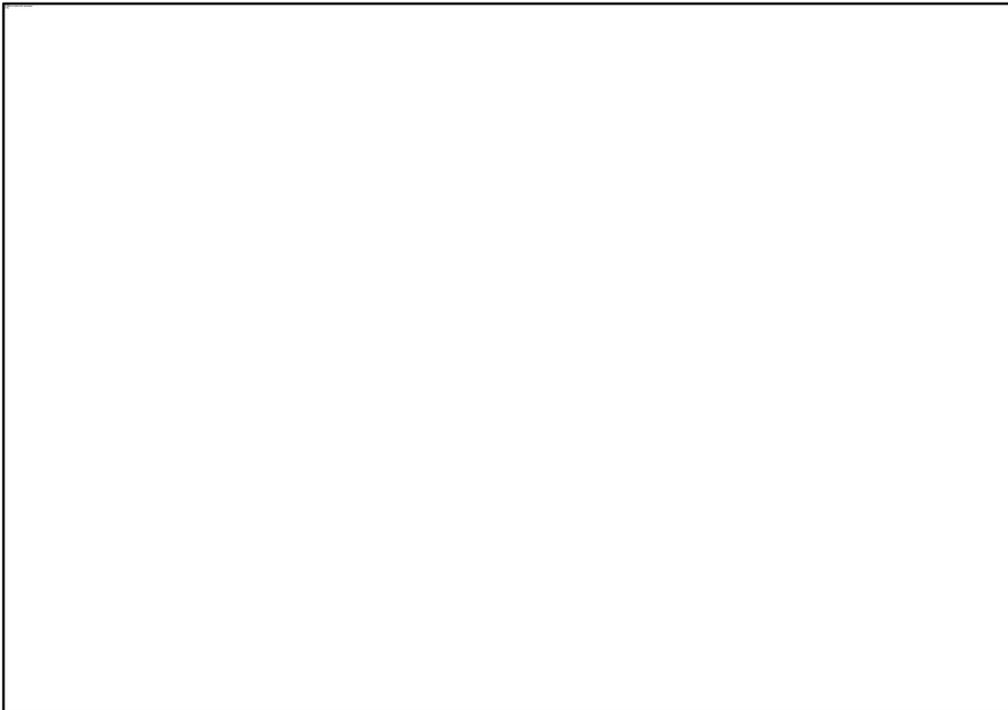
Esta gravura nos indica que a América, além de estar parada no tempo, ou nem mesmo existir *no* tempo, depende da presença do europeu para existir enquanto lugar. Seus habitantes, assim como o próprio território, são versões ultrapassadas dos ocidentais, ainda estáticas num longínquo passado no qual se vivia de forma “selvagem”. Os americanos, portanto, estariam num estágio menos evoluído em comparação ao progresso feito pela humanidade ocidental. Assim como os Marranos, que não deixavam de ser judeus na concepção da civilização cristã, esses indígenas, agora em contato com os cristãos, mesmo que se aproximassem daquilo que o Ocidente valorava orgulhosamente, não deixariam de ser



indígenas, com seu passado escancarado nas gravuras de Stradanus, definindo quem é/será civilizado e quem não é/não será civilizado, por mais que busque a cultura cristã, numa espécie de “cristãos-novos” sem passado judaico ou muçulmano.

A origem do indígena está retratada nas bases do que era considerado selvagem, o canibalismo, a nudez, a ausência de mudança, a relação próxima com a Natureza, que definiria, pelas próximas gerações, a inferioridade da raça indígena. Como disse Francisco Bethencourt: “O preconceito quanto à ascendência serviu-se desse fenômeno histórico para criar um sistema reconhecido em que as diferentes etnias e os indivíduos de raça mista eram inferiorizados” (BETHENCOURT, 2018, p.). Esse fenômeno será aprofundado e se solidificará ao longo dos séculos na colônia americana, principalmente com as pinturas de castas no século XVII, mas as suas bases estão no século XV e XVI.

Numa outra gravura de Stradanus, dessa vez na série *Americae Retectio*, os indígenas são representados de forma exótica, exercendo coisas que os “civilizados” não exerciam. A figura 2 representa Fernando Magalhães chegando à conhecida “Terra do Fogo”, acompanhado por seres mitológicos enquanto descobre o sul da América e contorna o planeta pela primeira vez, imitando o movimento do sol, como o próprio Stradanus diz na inscrição da



gravura, “Ferdinandus Magalanes, superando as voltas da Terra pelo Sul, deu seu nome, o primeiro a emular o curso do Sol na Terra, circulou toda a Terra” (STRADANUS, 1588. *Americae Retectio*, Gravura nº 4).

Figura 2: ***Ferdinandus Magalanes Lusitanus. Americae Retectio***, Johannes Stradanus, ca. 1588, gravura em papel.

Fonte: British Museum.

No canto direito inferior da gravura, um homem indígena é representado enfiando uma flecha em sua própria boca. A imagem do indígena é acompanhada do arco e flechas,

assim como pela nudez e pela saia de folhas que utiliza, estereótipos comuns associados à representação da forma patética dos indígenas nesse período (VESPUCCI, 2021, p. 141). Esse costume de enfiar a flecha na própria boca vem do relato de um navegador italiano que acompanhou Magalhães em suas viagens, Antônio Pigafetta, que disse “Quando essas pessoas se sentem doentes de seus estômagos, em vez de vomitar, eles enfiam uma flecha pela garganta de 2 palmos ou mais e vomitam um líquido verde misturado com sangue” em seu livro “Relações da primeira viagem ao redor do Mundo”, publicado em 1525 (PIGAFETTA, 1999, p. 180, tradução nossa).

Além da grande quantidade de figuras mitológicas que acompanham a “descoberta” da América, numa relação mitológica do próprio ato do navegador, a figura indígena é relacionada a duas figuras logo acima, ainda no canto direito: Adão e Eva. Essa associação indica que, assim como Adão e Eva, que são os seres originários de toda a humanidade segundo a narrativa Cristã, os indígenas estão mais próximos do passado do que do presente, demarcados pelos seus costumes e seu modo de viver num tempo passado. Nesse sentido, a chegada dos europeus apenas reforça o “atraso” dos indígenas, que seriam agora guiados pelos ocidentais no caminho do progresso, mas sem nunca perder a posição de subalterno, numa desconfiança transgeracional mesmo àqueles que se convertem e se associam aos padrões de vida europeu, num *modus operandi* de tratamento semelhante ao tratamento racial que os judeus e muçulmanos recebiam em Portugal e Espanha, visto que a América foi colonizada, em grande parte, pelos países ibéricos.

2. A concepção de Natureza no Ocidente e a superação do mundo nas gravuras de Johannes Stradanus

Para pensarmos a concepção de Natureza no Ocidente, principalmente se nosso foco é o século XVI, precisamos buscar suas bases no Gênesis⁵, onde está a origem do mundo segundo a narrativa judaico-cristã. No Gênesis, a Natureza era uma criação de Deus, feita para ser entregue ao Homem. Tudo que fora criado deveria ser subjugado em favor da vivência da Criatura:

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou, macho e a fêmea os criou. E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo animal que se move sobre a terra. (A BÍBLIA, GÊNESIS 1:26–29, 2015).

⁵ Sabemos, que as influências pagãs clássicas também têm seu espaço na concepção de Natureza, mas nosso foco se dará, neste estudo, pela associação entre Deus, criador, e Homem, criatura, mas que na Modernidade alcança também o status de criador.

Nesse sentido, a Natureza era algo a ser utilizado, mas não criado pela humanidade. Até as produções de Nicolau de Cusa (1401-1464), teólogo alemão radicado na Itália, a perspectiva sobre o mundo e a Natureza estava mais próxima daquela vista no Gênesis, mas já apresentava mudanças em relação ao pensamento medieval (CASSIRER, p. 79, 2001). Para Cusa, já num sentido ligeiramente diverso, a Natureza emanava a perfeição divina e os humanos, com seus sentidos, deveriam compreender cada vez mais o mundo afim de conhecer a totalidade da criação de Deus (*Idem*, p. 79, 2001). Posteriormente, Giorgio Vasari, mestre de Johannes Stradanus em Florença, acrescenta mais uma camada à concepção de Natureza ao valorizar a Arte e os artistas de seu tempo. O autor diz em seu livro “Vida dos mais eminentes pintores, escultores e arquitetos”, publicado pela primeira vez em 1550:

A arte deve sua origem à própria Natureza [...] esta bela criação, o mundo, forneceu o primeiro modelo, enquanto o mestre original foi aquela inteligência divina que não apenas nos tornou superiores aos outros animais, mas como o próprio Deus, se me atrevo a dizer isto (VASARI, 2009, p. 43, tradução nossa)

Para Vasari, a Arte renascentista, baseada no realismo, era uma das capacidades que a humanidade teria a seu dispor para alcançar os feitos divinos, recriando a Natureza assim como Deus o fizera uma vez na criação do mundo. Existe, portanto, uma alteração na concepção da Natureza baseada no avanço tecno-científico do século XVI, na medida em que, nesse momento, a Natureza não seria mais somente inspiração ou emanação, na perspectiva de Cusa, mas *recriação*. A invenção da pintura a base de óleo - por exemplo - creditada pelos ocidentais a Jan Van Eyck (1390-1441), pintor de origem belga, teria sido um dos principais avanços técnicos responsáveis por permitir às mãos humanas a possibilidade de recriação da Natureza, já que as tintas feitas com base no azeite demoravam mais a secar em relação a tinta feita a base de clara de ovo, propiciando aos artistas mais tempo de pintura e maior sobreposição de tons para imitar a realidade.

Albrecht Dürer, conhecido pintor e gravurista alemão, responsável por difundir o uso da gravuras na Itália, compartilhava dessa perspectiva quando disse que “Muitos artistas pintam figuras de si mesmos e os grandes artistas têm o poder de criação como o de Deus. Pois um bom pintor está internamente cheio de figuras” (DÜRER, *Apud* HALL, 2014, p. 112). Um artista valorizado, nesse momento, era aquele que tinha grande inventividade, ou seja, criava figuras e imagens a partir de seus pensamentos – o próprio Vasari elogiou Stradanus nesse sentido. A invenção, portanto, era a capacidade de recriar a Natureza sem depender de pensamentos alheios, responsabilizando apenas o artista por sua obra, numa característica quase divina.

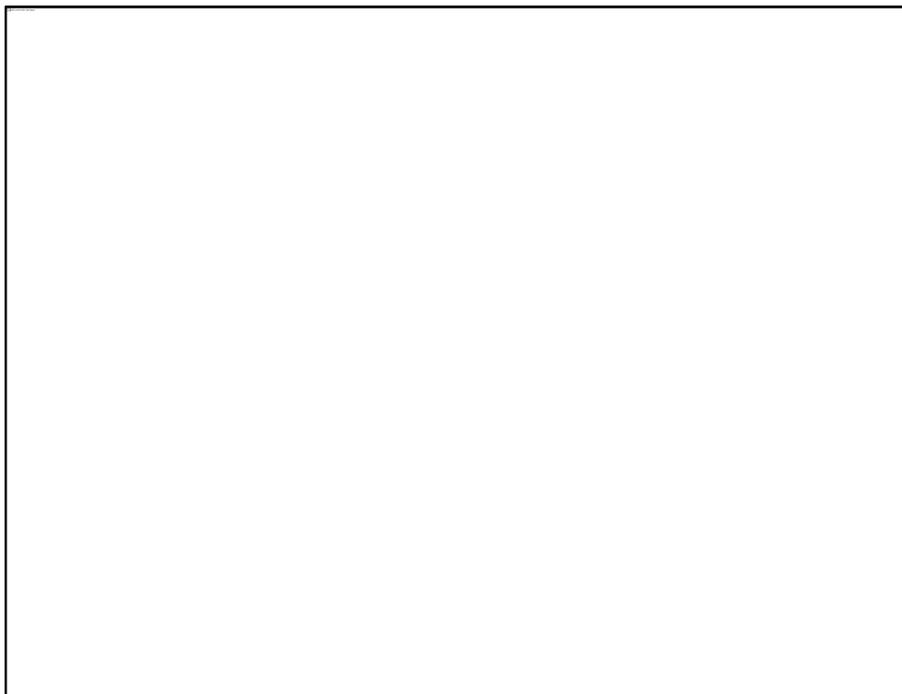
Num sentido semelhante, mas em relação a outro avanço tecno-científico, Johannes Stradanus descreve, em uma de suas gravuras, o uso da pólvora - artefato de criação humana - como “Trovão e relâmpago feitos pelas mãos”, atribuindo à humanidade uma característica que apenas Deus havia sido capaz de criar: o poder de um raio. Pelo barulho que produziam e a destruição da qual eram capazes, os canhões que utilizavam pólvora eram constantemente associados aos relâmpagos no imaginário europeu. O conhecido poeta italiano Francisco Petrarca (1304-1374) afirmou: “Não bastava que o céu trovejasse a ira de Deus imortal, era

necessário que o homúnculo [...] tropejasse também da terra: a loucura humana imitou o inimitável raio” (PETRARCA, *Apud* FRUGONI, 2007, p. 124).

Figura 3: ***Pulvis Pyrius. Nova Reperta***. Johannes Stradanus, ca. 1585, gravura em papel.

Fonte: British Museum

A Natureza, portanto, era “imitável” na medida em que os seres humanos logravam forças semelhantes ao poder divino, seja na (re)criação ou na destruição. Na figura 3, que é a terceira gravura da série *Nova Reperta*, Stradanus representa, ao mesmo tempo, a criação da pólvora, a produção de canhões e a utilização final, identificada, no canto superior direito da imagem, pela destruição das paredes de um castelo pelas pesadas esferas de ferro. A Natureza, nesse sentido, se aproxima cada vez mais do que Francis Bacon (1561-1626) chamaria, em menos de trinta anos depois, de “*Novum Organum*”, feito para ser explorado, conhecido e que permitia a repetição de um determinado evento a fim de se chegar à delimitação de um experimento científico, totalmente controlado e organizado pelas mãos humanas (QUIJANO, *Apud* MIGNOLO, 2017, p. 4). A criação da pólvora, assim como a destruição possibilitada pelo seu uso, são representadas como um constructo humano



extremamente controlado, com divisão de tarefas e formas de utilização que se buscam provar eficazes a partir da demonstração de sua potencialidade final, isso é: o domínio sobre a Natureza.

Bacon, em seu livro “*Novum Organum*”, publicado já no século XVII, parece buscar uma espécie de batalha com a Natureza afim de vencê-la e descobrir “seus segredos” (BACON, 2000, p. 3). O filósofo britânico propunha a criação de um “novo método”, que fosse suficientemente capaz de fazer com que os conhecimentos sobre o mundo não só se estabelecessem, mas que eles avançassem sobre o “desconhecido”:

Mas aqueles dentre os mortais, mais animados e interessados, não no uso presente das descobertas já feitas, mas em ir mais além; que estejam preocupados, não com a vitória sobre os adversários por meio de argumentos, mas na vitória sobre a natureza, pela ação; não em emitir opiniões elegantes e prováveis, mas em conhecer a verdade de forma clara e manifesta (*Idem*, 2000, p. 6).

Essa concepção dialoga com a de Johannes Stradanus que, por sua vez, considera que a Natureza só pode ser considerada como vencida quando obedece ao ser humano, por meio da ciência e da tecnologia. O intelecto humano desvenda, com seus instrumentos, aquilo que a Natureza parece esconder propositalmente. Isso pode ser percebido pela forma como é descrita a invenção da bússola por Stradanus, numa outra gravura da série *Nova Reperta*: “Aquele pedra revelou a Flávio o seu segredo de amor pelo polo, mas ele revelou isso para o navegador” (STRADANUS em *Nova Reperta*, ca. 1585).

A pedra ímã teria revelado um segredo para Flávio Amalfitanus, o suposto inventor da bússola. O magnetismo terrestre que faz com que uma agulha aponte para o polo é transformado numa “confissão amorosa”, como numa relação de dominação de um ator ativo - o cientista - sobre um passivo – a Natureza. Além da revelação de seu “amor secreto”, o homem cientista compartilhou essa descoberta com o navegador, facilitando a expansão humana pelo *Orbe*.

A Natureza, para Stradanus, é, portanto, aquilo que é passível de domínio, criação, recriação e destruição a partir do conhecimento de seus “segredos”. A relação humano/Natureza se alinha à relação Deus/mundo contida no livro do Gênesis, alternando os termos e colocando a humanidade como soberana perante a Natureza, não da forma como Deus havia determinado, mas alcançando a própria posição divina.

3. A concepção de Natureza e Raça nas gravuras de Stradanus pela ótica da Interculturalidade Crítica

Se buscamos observar as gravuras de Stradanus pela ótica da Interculturalidade Crítica devemos, de antemão, definir o que ela é e como entendemos a sua importância para o avanço dos estudos que relacionem a Natureza e a humanidade. Como apontou Elias Nazareno:

A interculturalidade crítica, entendida como processo social, político e epistêmico, pode ser considerada, portanto, como sinônimo da decolonialidade, pois, mesmo tendo em conta as relações assimétricas estabelecidas pelo colonizador em termos políticos, sociais e epistêmicos, não há como negar a influência recíproca exercida por parte daqueles que foram historicamente subalternizados. Nesse sentido, a decolonialidade instala-se no mesmo momento em que se instala a colonialidade do poder. (NAZARENO, 2017, p. 46).

Dessa forma, a Interculturalidade Crítica é a busca pela diversidade epistêmica, caminhando no sentido contrário ao imposto pela Colonialidade, cuja estrutura de dominação estava imersa na Matriz Colonial de Poder da qual nos falou Walter Dignolo (2017, p. 6). A Matriz Colonial de Poder é a organização da economia, da autoridade, da epistemologia, do gênero e da sexualidade pelo colonizador europeu ao se apoderar da América ao longo do século XVI e que ainda hoje, não se encerrou. A colonialidade é, portanto, toda a junção entre os *modus operandi*, *vivendi* e *pensandi* do colonizador, que fora implementada nos territórios colonizados (BANIWA, 2019, p. 59).

Nessa implementação, não somente os povos nativos da América foram afetados, mas também os próprios europeus – de formas diferentes – na medida em que os conhecimentos dos ocidentais eram constantemente contrastados com os conhecimentos indígenas, na busca pela sobreposição daquele por este. O processo de concepção do que era a Natureza ao longo do século XVI, como já dito, cumpre papel fundamental na Matriz Colonial de Poder, visto que ela daria as bases filosóficas e morais para a exploração dos territórios encontrados pelos colonizadores sem considerar as vivências tradicionais anteriores, pensadas como imagens estáticas do passado menos evoluído.

A interpretação da Natureza se baseou, durante a colonização, na separação entre Natureza e humanidade, pois a partir dessa cisão era possível utilizá-la como algo externo à própria humanidade, numa relação que considerou o humano como superior à Natureza ao utilizar-se de instrumentos de conhecimento e controle, enquanto associava os humanos que tinham relações diferentes com a Natureza como raças inferiores. Johannes Stradanus contribuiu para a formação dessa perspectiva ao glorificar as invenções supostamente modernas que garantiam a expansão pelo *Orbe* e o conseqüente domínio daquilo que fosse ligado à Natureza, como os próprios ameríndios, pensados quase sempre como parte intrínseca do cenário tropical.

A perspectiva indígena sobre a Natureza não aparta o ser daquele lugar aonde vive. David Kopenawa, estudioso indígena, diz: “No primeiro tempo, os brancos estavam muito longe de nós. Ainda não tinham trazido o sarampo, a tosse e a malária para nossa floresta. Nossos ancestrais não adoeciam tanto quanto nós, hoje (KOPENAWA, 2015, p. 224). Nesse trecho, podemos perceber a associação do “nós” com a floresta, pois o descontentamento de Kopenawa em relação ao sarampo, a tosse e a malária se dá na contaminação da “nossa floresta” e, conseqüentemente, da comunidade, não havendo, portanto, separação entre os corpos indígenas e o local onde vivem.

Mesmo que David Kopenawa esteja vivo em nosso século – o que pareceria um anacronismo ao historiador do século XIX –, sua perspectiva remonta ao pensamento passado entre as gerações indígenas há séculos e que permanece vivo nos dias atuais, com efeito do tempo, claro. Como apontou Federico Navarrete, a tradição oral ameríndia deve ser compreendida como uma documentação histórica, pois, muitas vezes, as organizações sociais indígenas estão baseadas na oralidade, perpassada por critérios de verificação e valorização dentro da sociedade. A Colonialidade atribuiu às narrativas indígenas ao campo daquilo que é considerado como mitológico, afastando-as do campo do *logos*, do pensamento racional. Nesse sentido, isso é, antes de tudo, uma forma de desvalorização das tradições indígenas baseada no pensamento ocidental que associa tudo aquilo que se mistura com a Natureza como primitivo, inferior, pois a Natureza é tratada pela perspectiva da dominação, não da coexistência e do Bem Viver (NAVARRETE, 1999, p. 232).

A Modernidade/Colonialidade buscou separar cada vez mais a Natureza do ser humano, atribuindo a evolução humana ao seu afastamento e controle da Natureza. Johannes Stradanus, nesse sentido, coloca seu tempo como o superior até mesmo em relação aos Antigos de Grécia e Roma – muito valorizados no Renascimento –, justamente porque os Antigos, apesar de terem tentado se desvencilhar da Natureza, não possuíam os instrumentos para dominá-la como os Modernos chegaram a obter.

[...] la crisis actual es causada por un modelo particular de mundo (una ontología), la civilización moderna capitalista de la separación y la desconexión, donde humanos y no humanos, mente y cuerpo, individuo y comunidad, razón y emoción, etc. se ven como entidades separadas y autoconstituidas (ESCOBAR, 2017, p. 68).

Pablo Alarcón Cháires aponta que o projeto de desenvolvimento baseado apenas no progresso possui uma característica que é tanto sua base, como também sua aplicação, já que o: “proyecto de modernidad responde a su intolerancia hacia toda forma premoderna, la cual es calificada de arcaica, obsoleta, primitiva e inútil, que la desprovee de conciencia de especie y de conciencia histórica” (ALARCON-CHÁIRES, 2019, p. 19). Dessa forma, para além da separação entre Natureza e ser humano, a Modernidade busca separar também aquelas raças cujas organizações sociais se conectam com a Natureza, conotando-as de sociedades selvagens e atrasadas. Johannes Stradanus coloca, em sua gravura sobre a América (figura 1), a oposição entre o mundo ocidental, cristão, científico, racional, masculino e o mundo selvagem, canibal, nu, irracional, feminino, de forma que essa oposição, em verdade, é a busca pela separação daqueles que alcançaram o poder divino e aqueles que apenas vivem das criações divinas, ou seja, das raças naturalmente inferiores e dos ocidentais.

Para Stradanus, o conhecimento tem como consequência um grau de instrumentalização da Natureza, enquanto os povos originários da América buscam o conhecimento para conviver com a Natureza, como diz o estudioso Alexandre Herbetta (2019, p. 8). Entretanto, essa diferença entre conhecimento indígena e ocidental é, em grande parte, uma invenção do colonizador, pois:

Uma vez superada a arrogância, a prepotência e o autoritarismo da ciência ocidental, sem dúvida os pontos de convergência entre os conhecimentos tradicionais e científicos são de verificação simples. Em primeiro lugar, as sociedades humanas, incluindo as sociedades indígenas, concebem o campo de alcance do conhecimento ao mesmo tempo limitado e ilimitado. Ilimitado, porque está em permanente processo de construção, desconstruções, (re)construções, descobertas, invenções, interpretações e crenças dinâmicas. Limitado, porque não consegue explicar e responder a todas as perguntas humanas. Em segundo lugar, em todas as sociedades humanas, incluindo as sociedades indígenas, os conhecimentos são construções humanas, ou seja, resultados de observações, experimentações (erros e acertos) e vivências de longo prazo. Então, perguntamos: o que diferencia o conhecimento

científico de outros conhecimentos, para além do poderio bélico do guardião ocidental da ciência? (BANIWA, p. 70, 2019).

A diferenciação que notamos em Stradanus é que o conhecimento dito científico serve a propósitos diferentes dos conhecimentos ameríndios, a saber: um é instrumento de dominação da Natureza e busca pela semelhança com os poderes divinos do cristianismo, enquanto o outro busca “O Bem Viver, como um estado de espírito no mundo cósmico mais do que uma qualidade material ou social de vida está relacionado às relações equilibradas dos sujeitos humanos e não humanos que coabitam o cosmo” (*Idem*, 2019, p. 64). Isso não significa dizer que os conhecimentos ocidentais não propiciaram facilidades e melhorias na qualidade de vida dos sujeitos que deles se apoderaram, mas que esses conhecimentos não foram pensados para associar humanos e Natureza, pois mesmo em sua gênese está a separação sujeito/objeto, ou Humano/Natureza.

Em nossa análise, à guisa de considerações finais, pudemos avaliar, a partir da análise das gravuras da *Nova Reperta* de Stradanus que a Natureza é vista como um local a ser dominado pelo conhecimento tecno-científico, enquanto que, no sentido oposto, os saberes outros da Decolonialidade apontam os conhecimentos como formas de buscarmos o Bem Viver, que é a vida em sociedade e harmonia com a Natureza, sem a necessidade de sermos superiores a ela, pois não somos seus criadores.

Johannes Stradanus, em seu tempo, produziu gravuras num arcabouço visual de valorização da Modernidade na busca pelo engrandecimento do ser humano que atingia os poderes de Deus no Gênese, pois alterava, controlava e recriava a Natureza com suas próprias mãos. Nesse processo de valorização da humanidade – não toda ela –, aqueles seres que não correspondessem ao que era visto como racional segundo os parâmetros da sociedade cristã ocidental, eram considerados como imagens estáticas de um passado já superado pelos europeus, como raças naturalmente inferiores. Os ocidentais buscaram se representar como imagem e semelhança de Deus, inspirando-se na narrativa cristã, para, não do barro, mas dos instrumentos técnicos, moldar a Natureza - principalmente a América e, conseqüentemente, seus habitantes - segundo seus desejos sem considerar, portanto, os conhecimentos outros e as possibilidades de conciliação na busca por uma sociedade menos hierárquica e mais diversa.

Referências

ALARCÓN-CHÁIRES, Pablo Alarcón. *Epistemologías otras. Conocimientos y saberes locales desde el pensamiento complejo*. Tsintani, AC/IIES, UNAM, México, 2019.

BANIWA, Gersem. *A educação escolar indígena no século XXI. Encantos e desencantos*. 1ª ed. Mórula, LACED, Rio de Janeiro, 2019.

BETHENCOURT, Francisco. *Racismos*, São Paulo, Cia das Letras, 2018.

BOWEN, Karen, L. *Philips Galle's Nova Reperta: A case of Study in Print prices and Distribution*. p. 41-55. In: MARKEY, Lia (Ed.) *Renaissance Invention, Stradanus's Nova Reperta*. Northwestern University Press, Illinois, EUA, 2020.

BOWRY, Stephanie. *Re-thinking the Curiosity Cabinet: A study of Visual Representation in Early and Post Modernity*. Tese de Doutorado, Universidade de Leicester. School of Museum Studies. 2015

CASSIRER, Ernst. *Indivíduo e cosmos na filosofia do Renascimento*. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1ª edição, 2001.

CASTRO-GÓMEZ, S. *La Hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816)*. 1. ed. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005a.

ESCOBAR, Arturo. *Desde abajo, por la izquierda, y con la tierra. La diferencia de Abya Yala/Afro/Latino/América*. In WALSH, Catherine. *Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. TOMO II. Ediciones Abya-Yala, Serie Pensamiento decolonial, 2017.

FRUGONI, Chiara. *As invenções da idade média. Óculos, livros, bancos, botões e outras invenções geniais*. Ed Zahar. Rio de Janeiro, 2007.

HALL, James. *The self-portrait. A cultural History*. Ed. Thames & Hudson, 2014.

HERBETTA, Alexandre. *Considerações sobre processos colaborativos de co-teorização: diálogos entre o projeto Milpas Educativas e o Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena*. Dossiê Práticas de bem viver: diálogos possíveis entre o Núcleo Takinahakỹ e Milpas Educativas R. Articul.const.saber, 2019.

KOPENAWA, Albert & BRUCE, Davi. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. Tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro — s ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MANRIQUE, Nelson. *“Algunas reflexiones sobre el colonialismo, el racismo y la cuestion nacional”, in La piel y la pluma. Escritos sobre literatura, etnicidad racismo* (Lima: Sur, 1999), pp. 11-28

MIGNOLO, Walter. *Colonialidade, o lado mais escuro da Modernidade*. Trad. Marco Oliveira. Revista brasileira de ciências sociais, Vol. 32, n 94, São Paulo, 2017.

MÜLLER, T. M. P., & FERREIRA, P. A. B. A. (2018). *A decolonialidade como emergência epistemológica para o ensino de história*. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, 26 (89). Questão mercadológica e ensino de África.

NAVARRETE, Federico. *Las fuentes indígenas más allá de la dicotomía entre historia y mito*. Estudios de Cultura Náhuatl; Vol. 30. 1999.

NAZARENO, Elias. *Revisitando o debate acerca da Modernidade a partir da Colonialidade do poder e da Decolonialidade*. Revista Nós. Cultura, Estética e Linguagens. v.02 n.02 - 2017

ROTH, Cecil. *Marranos and Racial Antisemitism: A Study in Parallels*. Jewish Social Studies, Jul., 1940, Vol. 2, No. 3 (Jul., 1940), pp. 239-248

TATSCH, Flávia Galli. *A construção visual da América em gravuras: códigos de percepção e suas transformações*. III Encontro Nacional de Estudos da Imagem, Londrina, 2011.

KALIL, Luís Guilherme Assis. *Filhos de Adão Análise das hipóteses sobre a chegada dos seres humanos ao Novo Mundo (séculos XVI e XIX)*. Tese de doutorado, Unicamp, 2015.

VESPUCCI, Augusto Godinho. **Modernidade e(m) invenção: as gravuras de Johannes Stradanus (1523-1605)**. 158 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

YERUSHALMI, Yosef. ***Assimilation and racial anti-semitism: the iberian and the german models***. Leo Baeck Institute. USA, 1982.

Fontes

A BÍBLIA. **A Bíblia Sagrada contendo o velho e o novo testamentos**. Ed. A igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Salt Lake City, Utah, EUA, 2015.

BACON, Francis. ***Novum Organum. Ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza***. Biblioteca virtual books, 2000.

CARDAMO, Girolamo. ***The Book of my life (De Vita Propria Liber)***. Trad. CARDAN, Jerome. Ed. E. P. Durrón & Co. Printed in USA, 1930.

GÓMARA, Francisco Lopez de. ***História General de Indias***. Biblioteca virtual universal, 2003.

PIGAFETTA, Antonio. ***Relazione del primo viaggio attorno al mondo***. Ed. Andrea Canova. Pádua, 1999.

STRADANUS, Johannes. ***Nova Reperta***. British Museum, ca. 1585.

VASARI, Giorgio. ***Lives of the Most Eminent Painters, Sculptors and Architects***. Ed. Blackmask. 2009.